S

ENSIBILIDADE INTERCULTURAL

A sensibilidade intercultural é um modo de ser, de viver, de se exprimir, de se relacionar e de agir que enriquece ambas as partes em contato. Difere muito do tipo de relacionamento movido por motivos econômicos, supremacia social, política e religiosa. Nesse caso ocorre a dominação de uma cultura sobre a outra, exploração, etnocentrismo, discriminação e fortes resquícios de práxis colonialista. A sensibilidade intercultural parte do despojamento de preconceitos e vantagens e supõe como base a humildade, a paciência, a solidariedade. Para a evangelização isso é fundamental, pois se trata de exigência do próprio Evangelho, do protótipo Jesus Cristo e de envio: ‘Ide por todo mundo”.[[1]](#footnote-1)

A Igreja manifestou-se mais objetivamente e oficialmente sobre esse tema a partir do Vaticano II. Ele aparece com diferentes roupagens em diversos documentos (GS, GME, AG). Expressão fundamental, de base, para postura intercultural, suscitada pela AG 25,1 é: “Acolher os valores evangélicos já presentes nas diversas culturas”, ou germens do Evangelho ali presentes.

Na literatura e cultura marista, a sensibilidade intercultural aparece mais explicitamente a partir do pós Concílio. A *Mensagem* dos capitulares do XVII CG dizia: “Procuramos respeitar profundamente as culturas locais e a encarnação total do apóstolo para suscitar, no coração de todo homem a irrupção libertadora da Boa Nova”.[[2]](#footnote-2) O documento sobre as *Missões* falando da formação dos missionários diz: “Esta formação remota deve ser completada pelo estudo da história das estruturas sociais, dos costumes, da mentalidade moral dos povos, das línguas, na medida do possível e do útil. Devem se preocupar com a aquisição de conhecimentos práticos e com a adaptação aos novos elementos culturais”. No relacionamento com eles (não cristãos), terá um espírito novo correspondente aos sentimentos do Vaticano II que exige do apóstolo a *conversão do olhar*.”



A sensibilidade intercultural leva em conta as condições mais simples do quotidiano como horários, trabalhos, clima e outras exigências locais. Os povos se manifestam em sua vida cultural, social, familial, política, religiosa. “Por sua cultura um povo exprime sua alma”.[[3]](#footnote-3) O Irmão Marista missionário precisa de uma *encarnação profunda*. Adaptação às situações concretas: língua, cultura, condições sociais e políticas”. O documento também concita a ter vida simples, adaptada à cultura local, respeitando a arte, as expressões, liturgia, oração, como elementos importantes na interculturalidade e encarnação do evangelho.

As Constituições, expressão máxima de nossa vida, missão, espiritualidade, enfatiza todos esses aspectos no artigo 91: “Acolhem os valores evangélicos já presentes nas diversas culturas. Por suas atividades e seu testemunho contribuem para nelas purificar o que estiver em desacordo com o Evangelho. Pela maneira como trabalham na promoção desses valores, afirmam a qualidade de cada cultura. Ao mesmo tempo, alimentam sua espiritualidade missionária marista. Seu modo de vida facilita sua integração nos países a que são enviados. Os Irmãos missionários devem dispor de tempo e de meios para estudar a língua local, durante os primeiros anos de sua experiência”.

A sensibilidade intercultural também abarca a relação com a natureza, aumentando o cuidado para com o Planeta e toda a criação[[4]](#footnote-4).

Claro que a sensibilidade intercultural não se restringe a atitude de um missionário *ad gentes*. Trata-se de postura de um educador, formador, pastor, de todos os que estão conscientes de que o mundo necessita de novas relações, fraternidade e unidade na pluralidade. Essa relação contrapõe-se aos esquemas de dominação política e econômica que existem hoje do mundo. É sinal profético, evangélico, viver a interculturalidade nos dias de hoje[[5]](#footnote-5).

1. Três exemplos nos ajudam a compreender essa**.** *Bernardino de Ribera***/**Sahagún (+1590)), no México, compreendeu as vantagens do aprendizado da língua e da cultura nahuatl (uto-asteca) para ambas as culturas (asteca e castelhana); o intercâmbio cultural entre a comunidade franciscana/europeia e a comunidade asteca. *Mateus Ricci,* SJ (+1610) fez o mesmo na China, entre a cultura italiana/europeia, e a chinesa, respeitando os costumes do povo e defendendo os ritos chineses. No Brasil destacamos *Irmã Genoveva***/**Veva Tapirapé (+2013) das Irmãzinhas de Jesus de Charles de Foucauld, francesa, que viveu 61 anos com o povo Tapirapé integrada plenamente nessa cultura nativa. Esses exemplos nos falam da sensibilidade intercultural. Lá onde ela existe há enriquecimento mútuo e os sinais de vida desabrocham. [↑](#footnote-ref-1)
2. O Documento *Vida Apostólica* fala: “A situação do mundo é relembrada pelo Concilio Vaticano, que afirma que “o gênero humano vive hoje uma época nova de sua história, caracterizada por mudanças rápidas e profundas que reagem sobre o mesmo homem, a tal ponto que já se pode falar em *Verdadeira Metamorfose Social e Cultural*, e cujos efeitos se fazem sentir até na vida religiosa” (GS, 4 # 2). [↑](#footnote-ref-2)
3. O missionário estará atento às expressões culturais dos povos, segundo AG, 18. O XVII CG, no documento *Missões* continua alertando: “O Irmão missionário deve ter uma atitude de serviço: ele vem para ensinar e aprender; não deve querer impor seus pontos de vista e suas ideias próprias”. [↑](#footnote-ref-3)
4. Cfr. Carta aberta en *Em torno à mesma mesa*; *Água da Rocha*, 39. O documento Água da Rocha, já na parte final em que somos convidados a ter novas visões e novos sonhos assinala esta mesma dimensão da interculturalidade como parte integrante já não só da nossa missão, mas também da nossa espiritualidade: *“Como São Marcelino, humildemente ancorado na rocha do amor incondicional de Deus, empenhamo-nos ativamente na abertura de novos espaços de diálogo intercultural e interreligioso”* (AdR, 155, & 3). [↑](#footnote-ref-4)
5. Já bem mais perto de nós, a II Assembleia Internacional da Missão Marista, 2014, deixa no ar vários desafios e algumas perguntas de fundo. Diz assim o texto de Nairobi:*“*Promover dinâmicas ‘inter (internacionalidade – intercultuiralidade – interreligiosidade – intercongregacionalidade – intereclesialidade)’que favoreçam a missão Marista em novas terras”. E as perguntas respetivas: “Como cultivar uma disponibilidade missionária permanente? Como podemos ver a diversidade como oportunidade para o crescimento? Como podemos nos enriquecer mutuamente? Que redes podemos utilizar a serviço dessas dinâmicas ‘inter’”. [↑](#footnote-ref-5)